

EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES E APONTAMENTOS CONTEMPORÂNEOS

EXPERIENCE IN EDUCATION: REFLECTIONS AND CONTEMPORARY APPOINTMENTS

Nirave Reigota Caram¹

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Educação Escolar da FCLAr-UNESP. Mestre em Televisão Digital pela FAAC-UNESP, Especialista em Marketing pela FGV-RJ, Graduada em Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda e Tecnologia em Marketing. Docente do Centro de Exatas e Sociais Aplicadas e pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Comunicação, Mídia e Sociedade” da Universidade do Sagrado Coração (USC-Bauru).
E-mail: nirave.caram@usc.br.

CARAM, Nirave Reigota. *Experiência na Educação: reflexões e apontamentos contemporâneos*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 2, p. 199-208, 2015.

RESUMO

A atual sociedade impôs aos indivíduos a necessidade de estudar, pois exige uma formação proveniente da educação formal para que estes possam trabalhar e, conseqüentemente, sobreviver. Para estudar é necessário vivenciar, ou seja, adquirir experiência. Assim, este artigo se propõe a refletir sobre a necessidade e o sentido de estudar no mundo contemporâneo. Para tanto, a discussão se inicia com a reflexão sobre a necessidade do estudo que deve ser autêntica e não imposta pela sociedade conforme acontece na atualidade. Por meio de um levantamento bibliográfico, nesta pesquisa exploram-se os conceitos da experiência na educação sob o olhar da filosofia. Coloca-se, então, o olhar sobre a experiência e o sentido de estudar e a experiência da lição e do processo de ensinar e aprender para o estudante e professor. O estudo discute também um aprender emancipador, em que se afirma que quanto mais experiências vive o es-

Recebido em: 15/10/2015
Aceito em: 14/12/2015

tudante, mais ele caminha e aprende sozinho, minimizando a importância da explicação do objeto estudado pelo professor. Por fim, o estudo leva à conclusão de que é preciso modificar as práticas de ensino, fazendo do aluno um ser que possua interesse pelo aprender, pois na contemporaneidade não é mais possível que o aluno estude por uma necessidade imposta pela sociedade e sim, deve estudar por que sente falta de conhecimento, de descobertas, e é exatamente este fato que diferencia o ser “aluno” do ser “estudante”.

Palavras-chave: Educação Contemporânea. Emancipação. Experiência. Filosofia da Educação.

ABSTRACT

The current society has imposed on individuals the need to study, because it requires from the formation of formal education so that they can work and hence survive. To study is necessary experience, or gain experience. Thus, this article aims to reflect on the need and the meaning to study the contemporary world. Therefore, the discussion begins with a reflection on the need to study what should be authentic and not imposed by society as happens today. Through a literature review, this research we are exploring the concepts of experience in education from the perspective of philosophy. There is, then, look at the experience and the sense of study and experience of the lesson and the process of teaching and learning to the student and teacher. The study also discussing a learning emancipatory, which states that the more experiences the student lives, the more he goes and learns alone, minimizing the importance of the explanation object studied by the teacher. Finally, the study leads to the conclusion that we need to change teaching practices, making the student a being who has interest in learning because the contemporary is no longer possible for the student to study for a necessity imposed by society but should study why misses knowledge, discoveries, and it is exactly this fact that distinguishes be “normal student” of being “real student”.

Keywords: Contemporary Education. Emancipation. Experience. Philosophy of Education.

CARAM, Nirave Reigota. *Experiência na Educação: reflexões e apontamentos contemporâneos*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 2, p. 199-208, 2015.

Introdução: o Estudar e o Estudante

Por que estudamos? Alguns respondem que estudam para “ser alguém na vida”, outros respondem que “estudam por que gostam”, mas grande questão é que seja qual a resposta, ninguém sobrevive neste mundo sem estudar. A vida nos coloca a necessidade de uma formação proveniente do estudo vindo da educação formal, para que possamos trabalhar e, conseqüentemente, sobreviver.

Ortega Y Gasset (2000) reflete sobre o sentido de estudar para cada indivíduo e afirma que “estudar é uma falsidade”. A explicação para tal afirmação é colocada a partir da reflexão sobre a necessidade do estudo. A disciplina estudada só existe, ou seja, só é uma verdade, para quem dela sente falta ou possui algum interesse.

Para o autor, a maioria dos estudantes não possui real necessidade de estudar, pois não sente falta da descoberta que o estudo proporciona. Estes colocam a necessidade do estudo como se fosse sua, mas na verdade é uma necessidade imposta pela vida contemporânea. Nesta situação, em que os indivíduos se comportam como se a necessidade do estudar fosse sua, entra-se em uma ficção, ou seja, em uma falsidade.

O estudante é um ser humano, masculino ou feminino, a quem a vida impõe a necessidade de estudar ciências sem delas ter sentido uma imediata e autêntica necessidade. Se deixarmos de lado alguns casos excepcionais, reconheceremos que, na melhor das hipóteses, o estudante sente uma necessidade sincera, embora vaga, de estudar ‘algo’, algo *in genere*, isto é, de ‘saber’, de se instruir. (ORTEGA Y GASSET, 2000, p. 4)

Assim, o autor coloca que alguns estudantes tem uma necessidade autêntica de estudar, e que este tipo de necessidade, a do indivíduo, a verdadeira, vem do sujeito criador.

O estudante, então, possui dois perfis distintos: o que possui a necessidade autêntica e o que se confronta com a necessidade da vida e que a toma como sua. O estudante que não possui a necessidade autêntica aceita os ensinamentos, já o estudante que possui a necessidade autêntica, ou seja, que sente falta da ciência sempre terá uma desconfiança dos ensinamentos, fará críticas e recriará a ciência.

Ortega Y Gasset (2000) coloca que desta forma, é preciso “vivar o ensino do avesso”, é necessário ensinar a necessidade de uma ciência e não ensinar uma ciência pronta, cuja necessidade seja impossível fazer sentir ao estudante.

Larrosa (2003b) também reflete sobre o estudar. O autor organiza seus pensamentos a partir da figura do estudante construindo uma imagem para, segundo ele, o verdadeiro estudante, ou seja, o que sente a necessidade autêntica da descoberta que o estudo proporciona.

A imagem do estudante descrita por Larrosa (2003b) é de que ele não se distrai enquanto estuda, pois gosta de estudar e, assim, o estudo se torna uma ameaça, já que o deixa inquieto com a vontade de sempre descobrir mais através do próprio estudo. O estudante tem tempo (ou deveria ter tempo) para estudar e este tempo de estudo é subtraído do tempo de sua vida. O estudante é melancólico, pois se isola. Isola-se porque precisa do silêncio para estudar e, por isso, gosta da madrugada silenciosa. Porém, com tudo isso, o estudo ainda não é possível. O estudante necessita fazer um lugar para si. Necessita encontrar um lugar para se perder, para estudar.

Diante deste cenário do estudar na contemporaneidade e a imagem do estudante, o presente artigo objetiva, por meio de pesquisa bibliográfica, explorar os conceitos da experiência na educação sob o olhar da filosofia e refletir sobre o tema.

1. A Experiência e o Sentido do Estudar

Costumeiramente pensamos educação do ponto de vista da relação ciência e técnica ou teoria e prática ou crítica e técnica. Larrosa (2002) propõe um olhar sobre a educação a partir da relação experiência e sentido. A experiência é traduzida como o que nos acontece e o sentido é a razão, ou seja, neste olhar a educação é dar sentido ao que nos acontece.

Para Larrosa (2002) no mundo contemporâneo há uma pobreza de experiências. Muitas coisas se passam, porém a experiência é cada vez mais rara.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2002, p.21)

Os motivos para essa escassez de experiências são: o excesso de informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho.

CARAM, Nirave Reigota. *Experiência na Educação: reflexões e apontamentos contemporâneos*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 2, p. 199-208, 2015.

CARAM, Nirave Reigota. *Experiência na Educação: reflexões e apontamentos contemporâneos*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 2, p. 199-208, 2015.

Sobre o excesso de informação é preciso pontuar que informação não é experiência. A informação não deixa lugar para a experiência, na verdade é uma antiexperiência. Quando somos bem informados, nada nos acontece. Esta visão do autor coloca em cheque os termos que definem a Sociedade da Informação, descrita por muitos autores, mas principalmente por Castells (1999). Quando se define o termo Sociedade da Informação, é comum encontrarmos como sendo sinônimo de Sociedade do Conhecimento e até Sociedade da Aprendizagem. Larrosa (2003) critica a consideração destes termos como sinônimos, pois para ele o conhecimento e a aprendizagem não são apenas adquirir e procurar informações. Então, uma sociedade construída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível.

Sobre o excesso de opinião, pode-se estabelecer a seguinte relação: o sujeito do mundo contemporâneo é bem informado e por isso opina. Uma opinião supostamente própria e crítica. Sobre a falta de tempo pode-se afirmar que a velocidade dos acontecimentos e a obsessão pela novidade caracterizam a contemporaneidade e impedem a conexão significativa entre acontecimentos. O sujeito moderno é informado, opina e é consumidor voraz de notícias e novidades. Somos indivíduos hiperativos e tal fato é fruto do excesso de trabalho. Sempre estamos fazendo alguma coisa, mas isso não é experiência.

O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. O sujeito da experiência se expõe, para que os acontecimentos simplesmente aconteçam. Assim, a experiência é uma relação com algo que se experimenta, é se jogar ao desconhecido, é paixão (LARROSA, 2002).

O saber da experiência é a relação entre o conhecimento e a vida. É o conhecimento para a vida, para satisfazer as necessidades humanas. É a elaboração de sentido ao que nos acontece. É o próprio sentido. A experiência e o saber que dela deriva, ou seja, o sentido dela são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.

Assim, a educação deve sempre ser vista a partir da experiência e sentido e para tanto, deve-se preservar e defender as experiências no ensinar e aprender do mundo contemporâneo.

2. A Experiência da Lição

A leitura é uma lição dada pelo professor. A leitura é uma forma de ensinar e aprender. A experiência da leitura implica na relação

de cada um consigo mesmo e com os outros. Quando o professor sugere uma leitura, uma lição, ele está oferecendo um presente. E só se oferece como presente o que se gosta, o que se ama. Assim, o professor espera que a leitura também desperte amor e uma resposta dos alunos.

Quando se lê um texto não se deve pensar nele e, sim, no que este texto nos leva a pensar. Larrosa (2003a, p. 142) afirma que “Entrar num texto é morar e demorar-se no dito do dito. Por isso, ler é trazer o dito à proximidade do que fica por dizer, trazer o pensado à proximidade do que fica por pensar, trazer o respondido à proximidade do que fica por perguntar”.

A lição é um ato de ler público, de ler com os outros, de compartilhamento que propicia a amizade. A amizade na leitura não está em olhar um para o outro, mas em olhar todos na mesma direção, e ver coisas diferentes (e dizê-las). “[...] lendo com outros, ao texto é encarregar-se de algo comum e constituir uma comunidade que não é a do consenso, mas, sim, a da amizade” (LAROSSA, 2003a, p. 144)

Ler também é um ato de liberdade, pois quando lemos interpretamos e pensamos como queremos. E se há amizade na leitura compartilhamos os diferentes pensamentos dos indivíduos.

“A amizade da leitura não está em olhar um para outro, mas em olhar todos na mesma direção. E em ver coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo (LAROSSA, 2003a, p. 145)”.

Aprender a ler é aprender a escrever. Ler é escrever. Leitura é mergulhar no texto, tecendo novos fios, emaranhando-se nos signos e produzindo novas tramas. É escrever novamente, é reescrever e escrever o novo. (LAROSSA, 2003a)

3. A Experiência do Ensinar e Aprender

Sobre a experiência do ensinar e aprender Kohan (2003) coloca suas reflexões tomando como base os conceitos descritos por Rancière. Sobre o ensinar deve-se considerar que o professor transmite conhecimento de forma ordenada, do mais simples ao mais complexo, de modo a conduzir o aluno em direção ao seu próprio saber.

Assim o autor discute o ensinar sem explicar. Segundo ele, é possível ensinar sem explicar, de modo que o aluno possa aprender seguindo seus próprios métodos. Tomamos como exemplo a aprendiza-

CARAM, Nirave Reigota. *Experiência na Educação: reflexões e apontamentos contemporâneos*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 2, p. 199-208, 2015.

CARAM, Nirave Reigota. *Experiência na Educação: reflexões e apontamentos contemporâneos*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 2, p. 199-208, 2015.

gem da língua materna. Ninguém a explica ao bebê, ele próprio vai assimilando e aprendendo conforme vai tendo contato com a linguagem.

Kohan (2003) critica a necessidade de explicação em todas as formas de ensinar. Esta reflexão é denominada por ele como “Crítica da Razão Explicadora”. A explicação é a “are da distância” entre o aprendiz e a matéria a aprender, entre o aprender e o compreender.

“Explicar algo a alguém é dizer-lhe que não pode entendê-lo por si mesmo, é paralisar seu pensamento, dinamitar a confiança em sua própria capacidade intelectual. (KOHAN, 2003, p. 191)

Para Rancière é necessário que existam mestres que não expliquem. Sócrates ensina um caminho do saber, porém não ensina ao estudante um caminho de autonomia e emancipação. Rancière questiona a visão de que Sócrates seria um mestre emancipador. “[...] Sócrates não ensina de fato para emancipar, para tornar independente, senão para manter a inteligência do outro submetida à sua”. (RANCIÈRE, *apud* KOHAN, 2003, p. 194)

Assim, Rancière acredita no princípio da igualdade na educação. Para ele é preciso de igualdade de inteligências na experiência de ensinar.

Para aprender é preciso de experiência como método. Ensinar é oferecer signos, colocar um exemplo do aprender. Aprender é seguir esses signos por si mesmo. Ou seja, não é preciso de explicação. O processo de aprender e ensinar devem ser acompanhados da experiência.

Não é possível outorgar a emancipação. Assim como a liberdade, a emancipação é algo que não se dá, senão que se toma.

Adorno (1995) prevê a necessidade de emancipação para aprender, assim como Rancière. Para ele a educação é a produção de uma consciência verdadeira, de pessoas emancipadas. O autor questiona à inaptidão à experiência “O que poderia ser feito para a reanimação da aptidão a realizar experiências? (ADORNO, 1995)”. Em sua discussão com Becker, os pensadores concluem que sem aptidão à experiência não existe propriamente um nível qualificado de reflexão e que a educação para a experiência é a educação para a imaginação.

Gallo (2008) propõe o deslocamento da filosofia de Deleuze para as reflexões em educação. Para o autor, a filosofia da educação é uma criação conceitual e não apenas “refletir sobre” algo. O filósofo é criador e não apenas reflexivo. A reflexão é um instrumento da filosofia para a criação de conceitos. Em sua obra, Gallo (2008) pontua quatro deslocamentos a partir do pensamento de Deleuze:

O primeiro deslocamento coloca que existem dois tipos de professor: o profeta e o militante. O profeta é consciente das suas relações sociais, é o que vislumbra um mundo novo. Ele anuncia o ponto de vista individual para mobilizar multidões. O professor militante procura viver as situações e dentro delas produzir a possibilidade do novo. Vive a miséria de seus alunos e busca construir coletivamente.

Assim, acompanhando este pensamento, apresenta-se o segundo deslocamento, em que se pode dizer que existe uma educação maior e uma educação menor. A educação maior é retratada pelas políticas públicas e pelo professor profeta e a educação menor pela revolta (resistência às políticas) e pelo professor militante.

O terceiro deslocamento aponta o rompimento da hierarquização proveniente na disciplinarização. A proposta de interdisciplinaridade de hoje aponta integrações verticais e horizontais entre as várias ciências. Aponta a transversalidade entre as várias áreas do saber, integrando-as. Aponta para uma tentativa de globalização.

Por fim, o quarto deslocamento aborda a questão dos mecanismos de controle na educação. Acompanhando o pensamento de Foucault, a escola assemelha-se a uma prisão, devido aos muitos mecanismos de controle, como por exemplo: a disciplinarização, a disposição das carteiras nas salas de aula e a avaliação (notas e conceitos). O autor coloca que Foucault conceitua uma sociedade de disciplinas, enquanto Deleuze denomina uma sociedade do controle em que há uma ilusão de autonomia.

Gallo (2008) coloca que não é possível exercer controle absoluto sobre a aprendizagem, pois “aprende quem quer”. Por isso, é necessário abdicar do discurso do poder, realizando uma avaliação contínua e minimizando o controle na educação.

Considerações Finais

A presente investigação colocou em foco a discussão da experiência em educação. Para tanto foram estudados autores como Adorno (1995), Ortega Y Gasset (2000), Larrosa (2002-2003), Rancière por meio de Kohan (2003), Deleuze por meio de Gallo (2008), entre outros. O objetivo foi refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem através do que a experiência proporciona aos indivíduos.

O texto inicia com a caracterização do estudar e do estudante, dando sequência discutindo a experiência e o sentido de estudar, posteriormente a experiência da lição e finalizando com a experiência do ensinar e aprender.

CARAM, Nirave Reigota. *Experiência na Educação: reflexões e apontamentos contemporâneos*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 2, p. 199-208, 2015.

CARAM, Nirave Reigota. *Experiência na Educação: reflexões e apontamentos contemporâneos*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 2, p. 199-208, 2015.

Com esta pesquisa bibliográfica, conclui-se que é preciso modificar as práticas de ensino, fazendo do aluno um ser que posua interesse pelo estudo, interesse pelo aprender. O aluno não pode estudar por uma necessidade imposta pela sociedade e, sim, deve estudar por que sente falta de conhecimento, de descobertas.

O estudar deve ser visto como experiência e sentido, ou seja, o que nos acontece e a razão e o efeito destes acontecimentos em nossas vidas. Quando se estuda a partir do que nos acontece, há sentido naquela descoberta. A experiência do compartilhamento das descobertas também se torna fundamental neste processo de tornar o aluno um descobridor e criador de conceitos. O compartilhamento com os mestres e com os colegas é uma experiência rica para o ensino e para a aprendizagem.

O verdadeiro estudante é um indivíduo que sente falta do conhecimento, portanto é um ser emancipado. Estuda por que quer, por que tem real necessidade e interesse. Nem todo aluno é um estudante. É preciso que os mestres ensinem sem explicar, exigindo do alunado a experiência, ou seja, a vivência no aprendizado. O aluno deve ser independente em seu próprio estudo. Deve ser um ser emancipado. O mestre tem o papel de direcionar o caminho percorrido pelo próprio aluno. Porém, a emancipação é algo que não se dá, é algo que se toma, que se quer ser. O verdadeiro estudante quer aprender.

Os autores nos levam a conclusão de que hoje há escassez de experiências na educação. Seja por falta de tempo, excesso de informação, excesso de trabalho ou excesso de opinião. E cabe aos profissionais de educação o desafio de resgatarem a aptidão à experiência e tornar os alunos em verdadeiros estudantes, para que desta forma, o processo de ensino aprendizagem no mundo contemporâneo seja cada vez melhor.

Referências

ADORNO, T. W. Educação – para quê? Tradução de Wolfgang Leo Maar. In: ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 139-154.

BARTHES, R. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castoñon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GALLO, S. Deslocamentos. Deleuze e a Educação. In: _____. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KOHAN, W. O. Infância de um ensinar e de um aprender (J. Rancière). In: _____. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 181-205.

LARROSA, J. Sobre a lição. In: LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003a. p. 139-146.

LARROSA, J. Imagens do estudar. In: LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b. p. 199-207.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Giraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

ORTEGAY GASSET, J. Sobre o estudar e o estudante (Primeira lição de um curso). In: ARENDT, H.; WEIL, E.; RUSSELL, B.; ORTEGAY GASSET, J. Seleção, prefácio e tradução de Olga Pombo. **Quatro Textos Excêntricos**. Lisboa, Relógio D'Água, 2000. p. 87-103.

CARAM, Nirave Reigota. *Experiência na Educação: reflexões e apontamentos contemporâneos*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 2, p. 199-208, 2015.